

33 Fx

LEANDRO GOMES DE BARROS

Historia de João da Cruz



3.ª EDIÇÃO (

Preço 1\$000

VENDE-SE na casa do autor em Afogados á rua do Motocolombó n. 190

— RECIFE —

HISTORIA DE JOÃO DA CRUZ

Depois de Christo alguns annos
Existia um ancião,
Esse tinha um filho unico
O qual chamava-se João,
Que sempre ia de encontro
A' Christã religião.

Então o pae era um homem
Humilde e muito temente,
Mas João era obstinado
E continuadamente
Dizia: Deus não existe,
Não o sinto em minha mente.

João emquanto era pequeno
A mãe o aconselhava;
Elle nada lhe dizia
Porem não acreditava
E fazia-lhe outros gostos
Porem este lhe negava.

As vezes elle sentia
Uma certa commoção,
O pae castigava-o muito

Pelo seu mau coração,
Mas elle sempre dizia
Não mudo de condição.

Se existe Deus como dizem,
Fez um bom e outro ruim?
Sem duvida foi a proposito,
Se ha, não é bom assim,
Descarregou sua ira
Fazendo isso, a que fim?

Perguntou-lhe um dia o pae:
Porque não gosta de Deus?
Pois não vês todos os dias
Os grandes prodigios seus?
Tomas conselhos dos outros,
Porque não tomas os meus?

Então disse João da Cruz:
Sou obraigado a dizer,
Se já menti não me lembro,
Não posso me contrafazer,
Só posso dizer que há Deus
Se visivelmente eu o vêr.

A mãe um dia o chamou
E disse, filho querido,
Porque não pedes a Deus
Que ti mude o sentido?
Deus é de misericórdia,
Tú pedindo és attendido.

Disse João: inda que exista
Este Deus de piedade,
Não escutará meus rogos
Porque não me tem amisade,
Eu não tenho creença nelle
Nem peço, pois é debalde.

Meu filho—disse-lhe ella,
E' tão bom Nosso Senhor
Que por mau que seja o filho,
Inda o maior peccador,
Se humilhando elle perdôa
Seja que peccado fôr.

Não posso erer, minha mãe,
Que esse Deus me perdoasse
Ainda que elle existisse
Taivez que não me escutasse
Eram debalde os meus rogos
Ainda que me humilhasse.

Diz ella—Deus é tão bom
Que estava quasi morrendo
Com tantas chagas no corpo,
O sangue na cruz descendo
Olhava para os algozes
Inda se compadecendo.

Pedia ao Eterno Pai
Quando na cruz o puzeram
—Pai perdôa aos innocentes

Que não sabem o que fizeram !
Teve cede, pediu agua,
Fél e vinagre lhe deram.

Elle disse, tenho sede,
Mas na interpretação
Em vez d'agua elle queria
Era nossa salvação,
Achou que matava a sede
Só com o nosso perdão.

João da Cruz ouvia isso
Porem sempre endurecido;
A mãe pedia chorando
Filho meu, anjo querido,
Deus mesmo ha de permittir
Que tu faças o meu pedido.

Disse João, se houvesse Deus,
Essa infinita pureza,
Um dia baixava á terra
Mostrava sua grandeza,
Mas não vem nem manda alguém
Não ha com toda certeza.

Meu filho, dizia ella,
Deus com sua magestade
Pode estar sobre uma nuvem
Dessas da immensidade,
No riso de uma creança
Pode estar elle em verdade.

Pois é tanto o seu poder
Que chama tudo attenção,
E não ha sabio no mundo
Que possa dar discripção
De que materia foi feita
Esta grande criação.

Minha mãe, respondeu João:—
Eu em tal não posso crer,
Que exista esse Deus no céu
Sem alguém da terra o ver,
E este Deus lá do céu
Manda tudo se mover ?

Então ella perguntou-lhe
Não tens visto o firmamento ?
O mar se mover em balanço
Sem parar um só momento,
O sol nascer e se pôr,
Não vês a chuva e o vento ?

Para crer que existe Deus
Não precisamos de mais
Do que olharmos nós proprios
E os irracionaes,
Tantos viventes que existem
E todos são desiguaes.

Outrosim, meu filho, escuta,
As vezes vê-se um bichinho
Como bem um beija-flor,

Tecer tão bem feito um ninho,
Tirar os filhs e criá-los
Com tanto zelo e carinho.

Pois assim fique sabendo
Que é o Omnipotente,
Com sua graça e poder
Ajuda a qualquer vivente,
Nada disto ninguém via,
Não sendo este grande Ente.

Não vês a neve estender-se
Desde a montanha ao baixio,
O peixe crear-se n'agua
Sem incomodal-o o frio,
O do rio morre no mar,
O do mar não vive no rio.

Esse poder soberano
A todos nós manda as mostras,
Ver um kagado jabuti
Como elle tem sobre as costas
Linha de geometria,
Curvas e linhas oppostas.

Pois isto é para se crer
Que exista este grande autor
A quem tudo chama Deus,
De todo mundo é senhor.
Por grande que seja um rei
Deus é seu superior.

João da Cruz se retirou
Mais muito impressionado
Interrogava a si mesmo:
Senhor eu estarei errado?
Porem depois desistia
Dizia eu estou acertado.

Elle tinha vinte annos
E nunca tinha sonhado;
Dormia tranquilamente
Nunca acordou assustado
Isso que chamam remorso
Inda não o tinha tocado.

Depois dessa conferencia
Elle dormindo sonhou
Que passeava num campo
Onde o destino o levou,
Foi esta a primeira vez
Que o remorso o perturbou.

Sonhou que era um campo vasto
Não tinha um só arvoredor,
Tinha uma placa na relva
Que tinha escripto SEGREDO,
Elle de certo naquillo
De si proprio tinha medo.

Alli via dous caminhos
Não sabia o que tomasse,
Tomando qualquer daquelles

Temia não enganar-se,
Não havia uma pessoa
Que alli a elle ensinasse.

Nisso viu uma mulher
Que atravessava o deserto;
Lhe disse segue á direita
Que o da direita é o certo,
É o lugar p'ra onde vaes
Até já está muito perto.

Dizia elle comsigo:
Essa velha vem mentir
Pois ella não me conhece
Vem agora me illudir,
Para quando eu me perder
Ella ficar a sorrir.

E seguiu o lado esquerdo
Sem ter mesmo direcção,
Ao chegar no fim do campo
Viu elle uma habitação,
Fumegando um boeiro
De uma fomalba ou fogão.

O predio era muito grande
Havia um enorme muro,
Um portão de ferro negro,
Parecendo ser seguro
Então exalava um cheiro
De enxofre ou carbonico puro.

Havia alli um alpendre
Onde estava uma serpente,
Um cão com olhos de fogo
Atado a uma corrente,
O cão assim que viu elle
Uivava horrorosamente.

Alli ficou João da Cruz
Em grande perturbação,
Quando um individuo alto
Chegou até o portão,
Cumprimentou-o dizendo:
Bem vindo sejas, João.

Fitava bem para elle
Como quem examinava,
Olhando bem para elle,
Nada alli balbuciava,
Não tirava os olhos d'elle
Como quem o retratava.

João da Cruz lhe perguntou:
Quem és que ahi te conservas?
Que campo é esse tão feio
Que n'elle não tem nem relvas?
Respondeu: isso é um reino,
Eu sou o Principe das Trevas.

Ha vinte annos completos
Tu és de mim conhecido,
Fui eu quem primeiro te viu

Quando tu foste nascido,
Sou testemunha de tudo
Que contigo tem havido.

Pode fazer umas tres horas,
Eu estava presenciando,
Uns conselhos muito atôas
Tua mãe estava te dando,
Tú sahistes até sorrindo
E ella ficou chorando.

Aquelles conselhos d'ella
Obras bem não os tomar,
Porque só deves fazer
O que a mente te dictar
Não és creança, nem louco,
Não tens o que consultar.

Então disse o individuo,
Exsite Deus é verdade,
Não como diz tua mãe,
Que elle é de tanta bondade,
A onde tiver orgulho
Não pode haver caridade.

E as cousas desse mundo
Já não tens observado?
Um que nasce tão feliz
E outro tão desgraçado,
Porque abandona a um
E o outro é amparado?

Pois se Deus fosse bom
Nasceria tudo igual,
Como um nasceu para o bem
E outro nasceu para o mal?
Então a misericordia
Não é para tudo em geral.

Disse-lhe ahi o tal principe:
Entra vem ver meu jardim:
Abriu o portão e disse:
Segue aqui atraz de mim,
Vou te mostrar minha corte
Do principio até ao fim.

E seguiu com João da Cruz,
O tal principe ia na frente,
Passaram por um salão
Muito escuro e muito quente,
João da Cruz repugnava
Aquillo amargosamente

Lá no fundo de uma estufa,
Se ouviu gente gemer,
Rangir dentes blasphemar,
Avançar para morder,
Dá urros que reboava,
E fazia a terra tremer.

Lá no fundo de outro carcere
Viu quando um vulto se ergueu
Arrenegando do pai

E da mãe que o concebeu,
Até da Virgem Maria.
Nisso o sitio estremeceu.

João da Cruz no sonho disse:
Eu quero voltar d'aqui
O tal principe lhe dizia:
Demore-se um pouco ahi
Se quizer ver uma scena,
Temos um theatro ali.

O theatro era uma jaula
Com grande profundidade,
Tinha um esqueleto vivo
Que causava piedade,
Chupando carvões accesos
Para ver se achava humidade.

Com grande chatna na bocca
Em soluços se afogava:
Soltava urros medonhos,
Os dentes em si cravava
Fitando os olhos de fogo,
Depois cahia e uivava.

João da Cruz no sonho disse:
Existe Deus em verdade,
Minha mãe bem que me diz:
Que embora cedo ou mais tarde
Eu hei de ter uma prova
Da suprema divindade.

E sahiu d'ali dizendo,
Que casa amaldiçoada!
Que habitação horrorosa,
Nojenta e mal collocada!
Olhando ao lado direito
Avistou outra morada.

Ahi elle olhando bem
Observou até mais
Uma placa de metal
Com letras especiaes,
Então as letras diziam
REI DOS REIS, PAI DOS PAIS.

Dizia elle no sonho:
Vou ver aquelle logar
Quando nada, olho de perto
Inda não podendo entrar,
Tornou a ver a mulher
Que viu no primeiro logar.

Perguntou-lhe João da Cruz
Que grande casa era aquella?
Disse-lhe a mulher, meu filho
Aquella casa é tão bella
Que val mais que mil paiz
Um pequeno quarto d'ella.

O dono d'aquillo ali
E' grande proprietario
E trata o capitalista

Como trata o proletario,
Ali não existe orgulhoso,
Ladrão vil, nem usurario.

Ali não se vê escravo
Nem um é de outro senhor,
As fortunas são iguaes,
Tudo tem uma só cór,
E para o dono d'ali
Dinheiro não tem valor.

João da Cruz via por sonho
Um clarão que appareceu,
Viu ali chegar um pobre
E n'uma porta bateu
Um monarcha lhe dizia:
Chega-te a mim, filho meu.

Quando o rei abriu a porta
João olhando para dentro
Viu um corêto sublime,
Que ficava bem no centro,
Disse no sonho, eu atheu!
Ali já vê que não entro.

62
Ouvii tocar uma opera
Por uma musica que havia
Era um toque tão sublime,
Que até o vento sorria,
Só se via ali belleza
Riso, prazer, alegria.

Viu passar uma mulher
Com um magestoso manto,
Tudo ali se levantava
E entoava um canto
Dizendo; Salve oh! esposa
Do divino Espirito Santo.

Disse a mulher eu agora
Preciso me retirar
Esse sonho é um exemplo
Para quem quizer tomar,
Quem vê o que você vio
Não pode mais se enganar.

Ahi despertou do sonho
Por lhe baterem na porta,
Era o empregado d'elle
Que trabalhava na horta
Dizendo: patrão acorde,
Sua mãe acha-se morta.

Elle ahi se ergueo da cama
Ainda muito suado,
Olhando para o relógio
Duas boras tinham dado
Já encontrou o pae d'elle
Em grande pranto banhado.

Ainda estava no leito
A mãe morta, ajoelhada,
As mãos posta para o céu,

A cabeça declinada,
Tanto que tudo dizia:
—Essa está sanctificada.

Então um bilhete d'ella
Encontrou-se no colchão
Que dizia a uma hora
É' minha consumação,
Gloria a Deus paz ao esposo
A meu filho uma benção.

Então o resto da noite,
João da Cruz se conservava
De joelhos ao pé do leito;
A' sua mãe contemplava,
Só não fazia era preces—
Elle era atheu, não resava.

Ali pensava elle muito
No sonho que tinha tido;
Pensava mais na mulher
Que lhe tinha apparecido,
É quando elle sonhava
Já a mãe tinha morrido.

João da Cruz ficou pensando
No phenomeno que se deu;
Os reinos que viu no sonho,
A mulher que appareceu,
Tinha os vestidos que tinha
Sua mãe quando morreu.

Um dia disse elle ao pai:
Pai eu estou arrependido,
Neguei a Deus tantas vezes,
Meu crime ha de ser punido,
Eu suplicando a Jesus
Serei por elle attendido?

Pois não! respondeu o pai:
Jesus é pai amoroso,
Qual será o pai no mundo,
Que seja tão carinhoso?
Jesus perdoava a Judas
Se esse não fosse orgulhoso.

Então pegou o que tinha,
Deu de esmola aos desgraçados
E disse eu vou para os montes
Ver se purgo meus peccados,
Para ver se um dia sou
Um dos bem aventurados.

O satanaz quando viu
João da Cruz se converter,
Tendo já toda certeza
De nunca mais o colher,
Ficou abrasado em chamas
A ponto de se morder.

Abrindo sua sessão
Obteve um parecer:
Um dos membros infernaes

Disse, eu posso me atrever
A attental-o de uma forma
Que elle venr a se perder.

Ha um anno João da Cruz
N'um bosque estava morando,
Os sens arrependimentos
De dia a dia augmentando,
Se sustentava das fructas
E levava o tempo orando.

Uma noite João chorando
O horror de seu peccado
Um anjo veio e lhe disse:
Está no livro sagrado
Teu nome escripto nelle
E's um bem aventurado.

Mas vejas que satanaz
Vem aqui te perseguir,
Não te esqueças de resar,
Ao velar e ao dormir
A carne do homem é fraca
Vejas, não te vais illudir!

Vou te deixar um signal
Se tu fores perseguido,
Vês allí aquelle ramo?
Olhes e boles bem sentido,
Aquelle ramo só murcha
Se tu fores illudido.

Todo dia has de ver elle
Verde e com todo fulgor,
Aquelle ramo é regado
Com o riso do Senhor;
Se tu cahires na culpa
Cai delle tambam a flor.

O satanaz transformou-se
Numa velhinha doente,
Veio illudir João da Cruz
Dizendo ser penitente:
Mostrou-lhe 23 chagas
Que soffria horriavelmente.

Então mostrou-lhe os joelhos
Por muitas quedas ralados,
Muitas contusões no corpo,
Os braços descozjuntados
E disse eu vivo a 100 annos
Aqui chorando os peccados.

João da Cruz perguntou-lhe:
Tu acreditas em Deus?
Eu creio, respondeu ella
Em todos prodigios seus
Por um peccado que fiz
Deus não ouve os rogos meus.

Perguntou-lhe João da Cruz:
Quem revelou-te isso assim?
Disse a velha foi um anjo

Quem revelou tudo a mim,
Contou-me todo passado
Do principio até ao fim.

Porém inda continuas
Na vida de penitencia?
Continuo, disse ella,
Agora é ter paciencia
Vou ver se o principe das trevas
Quer-me em sua residencia.

Então disse João da Cruz
O inferno é só de horror,
Eu já vi elle por sonho,
Disse a velha, não senhor,
E' um lugar como o céu
Lá só existe é amor.

Lusbel de lá foi um anjo
E foi privilegiado.
Quando Deus desceu ao mundo
Deixou-o no throno sentado;
Já foi um Deus interino
Não pode ser desgraçado.

João da Cruz lembrou-se logo
Do que o anjo tinha dito
Que se livrasse dos laços
Do inimigo maldito;
Desconfiado da velha
Ficou logo muito afflicto.

Foi aonde estava o ramo
Achou-o murcho e pendido
A flor que tinha no ramo
Tambem já tinha cahido
Chorava amargosamente
O que tinha commettido.

E voltando achou a velha
No mesmo lugar cahida;
Elle exclamou, oh! Maria
Sem pecado, concebida,
Compadecei-vos de mim
Senão minha alma é perdida.

Valham-me 15 mysterios
Do rosario de Maria,
Valha-me o sangue de Christo
Naquelle tremendo dia;
O desamparo que teve
Nas 3 horas de agonia.

Valha-me a corôa de espinhos
Com que foi Deus coroado,
Aquelles cravos agudos
Com que foi Christo cravado,
Valha-me o Santo Sepulchro
Que Jesus foi sepultado.

Oh! Virgem pura Santissima
Este infeliz pecador
Vos pede, afastai de mim

Este dragão trahidor;
Eu só quero pertencer
A Jesus que é meu senhor.

Vós sois a gloria dos anjos,
A luz de Jerusalém;
E's mãe de misericordia,
Não desamparas alguém;
Adoptai este infeliz
Como teu filho também.

Ahi um anjo chegou
Com phrases muito amorosas;
A velha ergueu-se dizendo
Não posso gostar de prozas,
Então parece que o céu
Só tem almas cavilosas.

Um anjo se apresentou
E disse a João da Cruz,
Só escute minha voz
Só se lembre de Jesus,
Pois pelo amor de todos
Elle morren numa cruz.

Dahi voltou Satanaz
Em grande perturbação;
Reuniram-se todos os diabos
Fizeram outra sessão,
Disse um delles inda ha um meio,
Mas precisa precaução.

Transforme-se em uma moça
Muito desinteressada,
Que seja muito elegante,
Porem não lhe trate em nada;
Visite-o um dia outro não
E saiba tomar chegada.

Nada disso se aproveita...
Disse um membro, ja zangado,
O anjo da guarda d'elle
Deu-lhe um ramo endiabrado
Que é um alcoviteiro
Que elle tem encostado.

Não tem ramo, não tem nada,
Disse ahi um satanaz,
Elle achando ella bonita,
Nem pensa no ramo mais,
Mulher illude até nós
Por mais que seja sagaz.

Ahi transformando-se um delles,
Numa jovem interessante,
Que o proprio diabo disse:
A obra está importante!
Inda estou mais animado,
Minha idéa vai avante.

Era alva, e bem corada,
Altura em conformidade,
Pés pequenos, mãos bem feitas,

Cabellos em quantidade,
Representando inda ter
Dezoito annos de idade.

Tranças louras, olhos azues,
A cintura um pouco fina,
Os seios regularmente,
Maças de côr purpurina,
Chamava attenção até
Aos insetos da campina.

Trajava um fino roupão
Do melhor panno que havia,
Um collar de ouro massiço
Sobre o pescoço pendia;
Era moderno somente
Tudo que nella se via.

Pisava modestamente,
Tinha um gesto encantador,
Admirava-se muito
Das obras do Creador,
Quem a visse só julgava
Ser um anjo do Senhor.

João da Cruz avistou ella
Quando estava em oração
Ahi ergueu a cabeça,
Lhe prestou toda attenção;
Deu um suspiro sentou-se
Sentindo uma comoção.

Veio para o lado d'elle,
Assim que se aproximou,
Como quem o conhecia
Sorrindo o cumprimentou;
João da Cruz olhou-a bem
Depois tambem a saudou.

Perguntou-lhe João da Cruz
A donzella anda perdida?
Não senhor, respondeu ella:
Ainda distrahindo a vida;
Venho d'alli do outro bosque,
Fui visitar uma ermida.

—E por aqui tem ermida?
—Sim senhor, respondeu ella,
Atravez daquelle monte
Ha uma grande capella
Eu toda vez que passeio
Vou por lá, visito ella.

E volto me destrahindo
Com o campo e com as flores
Ouvindo o canto dos passaros
Do sol seus brandos ardores
Apreciando os rebanhos
Guiados pelos pastores.

No verdor de nossos annos
Devemos ter distração,
Pois é ordem natural

Assim nos diz a razão.
Deus disse: o homem não vive
Somente d'agua e do pão.

Não quero dizer que o homem
Adote a perversidade
Nem vá metter-se em urgia
Que se arrependa mais tarde,
Mas dê expansão ao genio
Viva em plena liberdade.

Devemos ir a igreja
Fazer nossas orações
Depois poderemos ir
As casas de diversões
Ir ao theatro e ao baile
E outras reuniões.

Até logo disse ella
O sol já se escondendo
Vai entrando no ocase
O dia já vai morrendo
São horas de meus pastores
Virem do monte descendo.

A donzella mora perto?
João da Cruz lhe perguntou
Ella respondeu sorrindo
E para o monte apontou
Moro atravez deste monte
Lá ás suas ordens estou.

Dê um passeio até lá,
Vá vêr o nosso castello,
A aldeia é magnifica
Nosso palacete é bello,
Ali se pode viver
Sem conhecer-se o fragello.

E apertando-lhe a mão
Pela campina seguiu
Uma aria interessante
Entuou quando sahiu;
Todas palavras da aria
João da Cruz as incutiu.

ARIA

A vida é um riso
De mil esperanças;
Uma nau que nos leva
N'um mar de bonanças.

A vida é uma arvore,
O fructo é o prazer
Deu-nos Deus esses fructos,
Devemos o colher.

Devemos gozar,
Nossa mocidade;
Bebemos o aroma
Da primeira idade.

A morte nos traz
Os crués martyrios

Os gosos da vida
Nos mostram delirios.

Por isso é que brinco
E passeio nas florestas,
Frequento os theatros,
Não despenso as festas.

Saíu ella e João da Cruz
Ficou bastante il'udido
A belleza e as conversas
Já tinham a elle atrahido
De forma que até do ramo
João da Cruz estava esquecido.

E entrou pela floresta
A vóz a montanha enchia,
Ficou João da Cruz pensando
Essa moça quem seria?
Seu todo era de fidalga
Por toda a forma attrahia.

João da Cruz se esqueceu della
E continuou a orar;
Uma tarde as 4 horas
Elle ouviu ella cantar,
Ergueu a vista e viu ella,
Pelo campo a passeiar.

Não havia de pensar
Que ella fosse um dragão
Com uma conversa agradavel

Tratar em religião
Suas phrases e conversa
Só sendo de um ermitão.

E veio se aproximando,
Bôa tarde a elle deu,
Tenha a mesma, senhorita,
João da Cruz lhe respondeu,
Uma pedra para assento
João da Cruz lhe offereceu.

Disse ella, cavalheiro,
Estou-lhe muito obrigada,
Meu passeio hoje foi curto,
Ainda não estou cançada,
Hoje ainda vou a uma festa
Que fui hontem convidada.

Eu fui alli numa aldeia
Soccorrer uns desgraçados
Que levaram suas vidas,
Só chorando seus peccados;
Hoje morrem na miseria,
Tristemente abandonados!

João da Cruz lhe perguntou
Com grande admiração:
Mas o homem, não tem alma,
Não tem por obrigação,
De prestar contas a Deus,
Não necessita o perdão?

Necessita, disse ella:
O céo é um edificio
Que foi feito para o homem,
Quer tenha ou não qualquer vicio,
E' propriedade nossa,
Não precisa sacrificio.

Se Deus assim permittisse,
Nosso mundo era de espinhos,
Nossos fructos amargavam,
Eram penosos os caminhos;
Até mesmo nos faltava
De nossos paes os carinhos.

Por exemplo, a penitencia,
Que abuso não são os seus!
Maltratamos nossos corpos,
Fazemos mais que os atheus,
Temer de perder a alma
E' não confiar em Deus!

João da Cruz experimentando-a,
Como quem não tem temor
Perguntou-lhe: existe inferno?
Respondeu ho sim, senhor;
Era infeliz quem caisse
Naquelle abysmo de horror.

Para que foi feito elle?
Perguntou-lhe João da Cruz;
Para que, respondeu ella,

Foi para um anjo de luz
O homem estava perdido
A não ter sido Jesus.

João ouvindo essa resposta
Pensou e disse consigo,
Esta não é como a velha,
Não vem botar-me em perigo;
Não tem nada que venha
Da parte do inimigo.

Disse ella a João da Cruz:
Vá em nossa habitação,
Faça a sua penitencia
Mas não prive a distracção,
Deus só exige do homem
E' ter um bom coração.

Despediu-se d'elle e disse:
No dia que quizer ir,
E' rodeiar esse monte,
Ver por onde ha de seguir;
Toda hora estou em casa
As ordens para o servir.

Sahiu ella e João da Cruz
Ficou bastante influido
Com a conversa da moça
Já estava era illudido
Do ramo que o anjo lhe deu
Já tinba até se esquecido.

Reuniram-se os diabos
E fizeram uma sessão
Projectando construir,
Uma linda habitação
Que João da Cruz indo lá
Prestasse toda atenção.

Por uma magica diabolica,
De uma gruta escura e feia
Fizeram um campo espaçoso
Representando uma aldeia,
Um castello magnifico
N'uma planicie de areia.

João da Cruz ficou pensando
Que a moça estava acertada
E era asneira do homem
Ter uma vida privada,
A culpa é uma divida
Que com a morte é sanada.

Voltou para a sua casa,
Fez a barba e o cabelo,
E disse aquelle castello
E' necessario eu ir vel-o:
O pae daquella donzella
Eu preciso conhecel-o.

Eram 10 horas do dia,
João da Cruz appareceu;
Quando avistou o castello

O corpo lhe estremeceu:
Interrogava a si proprio
Mas o que foi que fiz eu?

Quem olhava via ali
Um palacete importante,
Um sitio ao redor da casa,
Um jardim muito elegante,
Instrumentos para musica
Muitos livros numa estante.

Zoraide, essa dita moça
Que a João da Cruz tinha ido,
Tinha as vestes como nunca
Ninguem tinha possuido
Como se na roupa della,
O sol tivesse nascido.

Então João da Cruz com ella
Estava tão embelesado,
Estava esquecido do ramo
Que o anjo lhe tinha dado,
O diabo já contente,
Dizia estou arrumado!

Quando João da Cruz entrou
Sentiu o corpo agitado,
Uma voz dentro de si
Dizia fostes enganado
Ahi ficou João da Cruz
De tudo sobresaltado.

E viu lá um individuo
Com um aspecto medonho
Outro que se conservava
N'um reservado tristonho
E era o que João da Cruz
Vira na noite do sonho.

Em fingir-se satisfeito
Foi alli o plano seu
Refeição, frutas, bebidas
Elle tudo agradeceu,
Ahi lembrou-se do anjo
Do ramo que elle lhe deu.

Zoraide chamou-o á mesa
Para elle se servir
João da Cruz agradeceu
E disse eu quero partir
O sol já vai declinando
E' necessario seguir.

Tudo alli entristeceu
Quando João da Cruz sahiu
Zoraide soltou um grito
Que todo monte rangiu
Uns aos outros perguntavam
Mas o que foi que elle viu?

João da Cruz foi certo ao ramo
Por que elle se guiava
Esse estava quasi sêco

Poucas folhas lhe restava
A flor já tinha cahido
Pela campina rolava.

Elle alli se ajoelhando
Suplicou a divindade
Pediú resignação
Força e muita actividade
Pois estava n'uma batalha
Com muita difficuldade.

Um anjo veio e lhe disse
João tu fostes enganado
Continue a penitencia
Deus perdôa esse pecado
João da Cruz ergueu a vista
E viu o ramo florado.

Disse-lhe o anjo você
Só se lembre de Jesus
E veja que o traidor
Por toda forma seduz
Elle para elludir um
Vira-se em anjo de luz.

O diabo estava perto
Viu tudo ali se passar
Uivava rangindo os dentes,
Dava pulos pela o ar
Dizendo trabalhar tanto
E nada poder lucrar.

Então ficou João da Cruz
No mesmo campo onde estava
Só ouvia a voz do anjo
A quem sempre consultava
Orava todos as horas
De Deus não se descuidava.

E assim 22 annos
Passou elle em oração,
Tinha com nossa senhora
Uma grande devoção;
Até que chegou o dia
De sua consummação.

N'um sabbado pelas 6 horas
Quando João da Cruz orava
Sentiu o pulso fugir-lhe
Viu que seu sangue gelava
Era a morte nesta hora
Que d'elle se aproximava

Ahi chegou o demonio
Disse velho te ajudar,
Aqui estou, pode pedir
Aquillo que precisar;
Chegou o anjo da guarda
Mandou-o se retirar

Chegou na eternidade
A Jesus se apresentou
Envergonhado das culpas

Que quando vivia obrou,
O satanaz vinha atraz
Nesse momento chegou.

Jesus alli perguntou-lhe:
Satanaz que vens tratar?
Respondeu-lhe é meus direitos
Que venho aqui reclamar
E vós sois um juiz réto
Não os podereis negar.

Que direito tens, infame ?
Perguntou o salvador,
Respondeu-lhe satanaz:
Direito tenho, sim senhor,
João da Cruz pertence a mim
Foi um grande pecador.

Disse Jesus: satanaz,
João da Cruz foi perdoado
Disse o demonio: isso não,
Elle viveu no pecado
E vós sabeis do papel
Que com elle foi passado.

Disse Jesus: tú maldito
Fostes lá o perseguir
Disse o demonio e o anjo
Não foi lá lhe advertir
Que elle se acautellasse
Que eu iria o séduzir.

Deu-lhe um ramo com uma flor
Para melhor garantia
E disse, se elle peccasse
Logo o ramo murcharia
Elle esqueceu-se do ramo
Lembrou-se da fantasia.

O salvador não querendo
Rasão com tal infiel
Botou como advogado
O archanjo são Miguel
Lhe disse que convencesse
Aquelle dragão cruel.

São Miguel disse o que é ?
Maldito infeliz sem sorte,
Disse o satanaz Miguel
Você chegou muito forte
Eu vivi com este homem
Desde a vida até amorte.

E hoje levo-a commigo
Pode ficar na certesa
A justiça do eterno
Não ataca de surpresa
Esta alma me pertence
Nada val sua defesa.

Respondeu-lhe São Miguel:
Maldito estas enganado
Se João da Cruz foi atheu

Cometeu este peccado
Fez penitencia por elle
Na morte foi perdoado.

Desse o demonio Miguel
Acho bom você voltar
Sobre a vida deste homem
Tenho muito que alegar
Visto caber-me o direito
Eu devo bem me explicar.

Este homem era um atheu
Não pode ter salvação,
Deus como recto juiz
Não lhe dará o perdão;
Não ha motivo que Deus
Tenha delle compaixão.

Desatendeu a seu pái,
Nenhuma attenção lhe dava,
Desobedecia a mãe
Quando ella lhe rogava
Disse que se houvesse Deus
Delle elle não precisava.

Então são Miguel lhe disse:
Mas depois se arrependeu
Disse o demonio ora essa !
Nessa historia não vou eu
Arrependimento tarde
Nunca serviu nem valeu.

Nesse caso tambem posso
Dizer estou arrependido
E pedir perdão a Deus
Do peccado comettido
Dou o feito por não feito
Serei tambem attendido.

A alma vendo o demonio
Querer fazer-lhe penhora
E temendo que chegasse
Aquella maldita hora
Deu um pulo e foi cair
Nos pés de Nossa Senhora

E disse oh virgem Maria
Esposa casta e fiel
Ide tambem ajudar
O archanjo S. Miguel
Para tirar o furor
Daquelle dragão cruel

Livrai-me daquella fera
Que aos pobres fracos seduz
Pelo prazer que tevestes
Na noute que destes a luz
Quando saiu de teu ventre
O venturoso Jesus

Pelo sangue precioso
Que de teu filho correu,
Por aquella ingratição

Que de Judas elle soffreu,
Pelo o calix de amargura
Que Jesus Christo bebeu.

Eu sei, Senhora, que fui
Um infeliz peccador,
Mas vos peço pelas Chagas
De Jesus meu Redemptor,
Pela sêde e pela fome,
Pelo frio, pelo calor.

Pelas horas de agonia
Da amargosa paixão,
Pelo grande desamparo
Na sua consumação,
Por todos os sacrificios
Alcanceis o meu perdão.

Não tem fome nem tem cêde,
Não tem frio nem calor,
Hoje eu conduzo esta alma,
Seja por que forma for
Respondeu-lhe São Miguel
Enganas-te, trahidor.

Engano-me ? então porque ?
Respondeu-lhe Lucifer,
O archanjo disse aqui
Faz-se o que a Virgem quiser
Disse o demonio em questão
Não nessescita mulher.

Deus é um Ente Supremo,
Um espirito adiantado
Conhece 'bem o presente
O futuro e o passado
E para as questões de Deus,
Não precisa advogada.

Você e seus companheiros
Chegam com essa envenção
Arrastando até mulher
Para uma intervenção
Desconhecendo o direito
Escurecendo a razão.

E seu patrão ou senhor
Sendo um juiz de conceito
Sabe João da Cruz quem foi
Não me negou o direito.
Elle é quem governa e manda
O que fizer está bem feito.

Disse Maria Santissima:
Te mostro amaldiçoado
Se o sangue de Jesus Christo
Foi inutil derramado,
Se elle não morreu na cruz
Para remir o peccado.

Disse o diabo é exacto
Elle foi cruxificado,
Porem esse sacrificio

Não dá direito ao peccado,
Não se viu o Evangelho
Que no mundo foi pregado?

Vosso filho é o juiz
De sciencia indefinida,
Deixou escripto na terra
Toda a receita da vida;
Disse que alma com culpa
Não podia ser remida.

João da Cruz sabia ler
Era até bem preparado
E leu todas as Escripturas
Que Jesus tinha deixado
Não teve razão alguma
Para cair no peccado.

Disse Maria Santissima:
Seja da forma que for
João da Cruz se salvará
Meu filho é o salvador
Elle não vai ao inferno
Te mostrarei, trahidor.

Vamos ver, disse o demonio,
Estou prompto para a questão
Eu quero ver João da Cruz
Como alcança a salvação
Um atheu de nascimento
Eu quero ver ter perdão.

Era só o que faltava
João da Cruz ser um atheu,
Ter uma contriçãosinha
No momento que morreu,
Chegar aqui Deus dizer-lhe
João da Cruz o céu é teu.

E eu que conheço elle
Desde o seu nascimento
Segui todos os passos d'elle
Não o deixei um momento,
Ouvi tudo que elle disse
Tomei todo apontamento.

Fui attentar a mãe d'elle
Não pude tomar chegada;
Fui ver se atentava o velho
Tambem não arrumei nada
Felizmente em João da Cruz
Foi que pude ter entrada.

Disse-lhe a Virgem Maria:
Teu trabalho foi perdido
Porque eu vou a Jesus
E elle é absolvido
No rol dos aventureiros
Elle será incluído.

Vamos ver disse o demonio:
Até ver não é certeza,
Eu quero ver a senhora

Como faz esta defesa,
Como é que se absolve
Crime desta natureza.

Se Deus é como alguém diz,
Fiel sério e justiceiro
E vendo que este homem
Foi um atheu verdadeiro,
Conhecendo sua vida
Não salva-o do captivoiro.

Na justiça do eterno
Não pode existir segredo
E elle não é criança
Que obre a causa por brinquedo,
Deus não tem superior
Tudo que faz é sem medo.

Eu quero ver como pode
Salvar-se tal criatura,
Um ente que em materia
Sua vida foi impura
Assim não podia haver
Verdade na escriptura.

Disse São Miguel Archanjo:
Jesus tudo perdeu.
Respondeu-lhe Lucifel:
Então Jesus se enganou,
Não diga tal miseravel
Jesus o reprovou.

O demonio respondeu:
Elle não teve perdão
Se o perdão fosse legal
Deus não movia esta ação
Nem precisava você
Meter-se nesta questão.

Disse São Miguel: precisa
Assim ordena o senhor,
Elle fica no céu
A' sombra do Salvador
Rendendo louvores e graças
Ao seu bom Deus criador.

Disse o diabo: Miguel
Eu tenho tudo assentado
Pesemos numa balança
A alma com o pecado
Se ella pesar mais que as culpas
Ficarei um desherdado.

Se as culpas pesarem mais
Quem ganha a alma sou eu
Disse São Miguel: está dicto
Va ver logo o livro seu
Em menos de dois minutos
Elle ao inferno desceu.

Chegou o livro das culpas
São Miguel trouxe a balança
Disse o demonio: Miguel

Você agora descança
Porque esta minha industria
Matou-lhe toda esperanza.

Foi a alma para balança
O diabo alli surriu
A concha d'alma desceu
E a da culpa subiu
O archanjo São Miguel
Perguntou-lhe então já viu?

O diabo com cuidado
A balança examinou
Olhou para São Miguel
Disse você me roubou
Abriu o livro das culpas
Nem uma mais não achou.

Lucifel soltou um grito
Uuvava horrorosamente
São Miguel ficou sorrindo
João da Cruz alli presente
Dando graças a Maria
Mãe do cordeiro innocente.

Saiu o diabo aos berros
Com maior desespero
Exclamando em vozes altas
Miguel é alcuveiro!
Ah! Maria piedosa!
Ah! João da Cruz estradeiro!

Nunca tinha succedido
Outra como essa agora,
Trabalhei quarenta annos
Foi tudo n'um dia embora,
Esforcei-me mais que pude
Mas já sei, isso é caipora.

Lá nesse campo inda existe
O lugar onde elle passou
Que tem noduas das lagrimas
Que João da Cruz derramou
Durante vinte e trez annos
Que suas culpas chorou.

Lucifel ficou convulção
Esvaindo-se em furor,
A alma rendia graças
Na presença do Senhor
Estando louvores ao anjo,
Erendendo graças ao archanjo
O seu grande deffensor.

Afogados, 15 de Novembro de 1917.

605A

AVISO IMPORTANTE

Aos meus caros leitores do Brasil—Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas—aviso que desta data em diante todos os meus folhetos completos trarão o meu retrato. Faço este aviso afim de prevenir aos incautos que tem sido enganados na sua bôa fé por vendedores de folhetos menos serios que tem alterado e publicado os meus livros, cometendo assim um crime vergonhoso



Leandro Gomes de Barros

Recife, 9 de 7 de 1917

"Popular Editora", Parahyba-11- 917. (101)

LGB